

A LEITURA E OS INTERTEXTOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS

Maria José Nélo

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Resumo: Este texto analisa as recorrências de intertextos e interdiscursos na crônica *Dilma demite São Pedro* publicado na Revista Piauí. A crônica possibilita tratar de situações político-sociais do cotidiano brasileiro e das relações entre humanos X santos, e seus respectivos poderes institucionais. Entendendo-se que do ponto de vista teórico a Linguística de Texto e a Análise Crítica do Discurso correlacionam modelos cognitivos de conhecimentos partilhados e circunscrevem novas informações.

Palavras-chave: Crônica do cotidiano; Intertexto e interdiscurso; Ensino e humor.

Para tratar do ensino de português para falantes de outras línguas e deu-se maior enfoque as ocorrências de intertextos e interdiscurso, que por intermédios da materialidade linguística, constroem sentidos na crônica “Dilma demite São Pedro” do correspondente Herald Piauí. A junção de intertextos e interdiscursos propiciam ativar conhecimentos enciclopédicos e sóciointeracionais, considerando-se a intencionalidade do cronista ao representar acontecimentos do cotidiano na crônica analisada. Nesse sentido, são as representações linguísticas que criam formas e ideias entre enunciador e interlocutor, para mediar essa relação há as recorrências de intertextos e interdiscursos. Pautado nessas recorrências nos textuais selecionou-se a crônica como material didático autêntico aplicado em exercício de ensino do português variante brasileira, para falantes de outras línguas.

Teve-se por objetivo geral contribuir com a seleção de material para o ensino de português para falantes de outras línguas; e por específicos: a) examinar as ocorrências de intertextos e interdiscursos na crônica *Dilma demite São Pedro*; e2) analisar as estratégias usadas pelo cronista ao representar apelo político de humor.

O método adotado para aplicação do gênero crônica, nas aulas de português para falantes de outras línguas, teve por antecedência o interesse dos alunos por esse gênero textual e pelo conteúdo, “representação e criatividade do brasileiro denunciar as atitudes políticas no país”. Assim, a receptividade de apreender os sentidos ativados pelas palavras e expressões não limitaram em interpretá-las de modo redutor e linguístico. Não se tratava de desvalorizar os usos de estratégias dos políticos, mas de compreender no contexto as intenções ambiciosas entre o poder humano X divino.

Para tratar desses aspectos socioculturais e religiosos, professor e aluno necessitam de conhecimentos interdisciplinares, que possibilitem entender a construção de sentidos do texto, tendo como ponto de partida as palavras e expressões enunciadas na crônica. São dos enunciados que emanam os saberes interdiscursos culturais e/ou ideológicos que o cronista, sutilmente, representa como estratégias usadas como apelo político, para legislar humanos *versus* divindades religiosas. As grandezas divinas, ao serem banalizadas pelo humano, apontam a ausência de formalidade institucional e dos fenômenos naturais, ao tentar igualar humano com divino constroem-se o humor, capaz de propiciar o risível.

Os textos contedores de representações do cotidiano do brasileiro circulam em periódicos, revistas e jornais, trazem evidências de atividades comunicativas advindas ou legitimadas por discurso: religioso, da história, da cultural e de fenômenos climáticos, a junção e/ou as relações desses discursos na crônica, apresentadas aos

alunos, constituem um diálogo, ou seja, um discurso retoma outro discurso, pois constrói por associação e combinações um novo sentido manifesto no texto. Uma vez que, um discurso tende a adequar por interdiscursos um discurso a outro.

Fundamentação Teórica

É por meio da comparação dos textos produzidos em uma determinada cultura que se podem encontrar as propriedades formais ou estruturais, comuns a determinado gênero ou tipo de intertexto, essas propriedades são armazenadas na memória dos usuários sob a forma de esquemas textuais ou superestruturas (cf. Van Dijk & Kintsch, 1983). Tais esquemas, que são socialmente adquiridos e desempenham papel de grande relevância no processamento textual.

Kristeva (1974: 60), a criadora do termo intertextualidade, afirma que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto”. A relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos, é compreendido por Jenny (1979: 14) como o encontro de elementos de um texto “anteriormente estruturados, para além do lexema, naturalmente, mas seja qual for seu nível de estruturação”.

Ocorre intertextualidade de conteúdo, por exemplo, entre textos de uma mesma área ou tendência do conhecimento, servindo de conceitos e termos comuns, já definidos em outros textos daquela área ou tendência; entre matérias de jornais entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero (cf. Koch, 2004). Tem-se intertextualidade explícita x implícita como recurso de fomentar o sentido de um texto.

Ao considerar o prisma sociointeracional para o exame da interação comunicativa no e pelo Discurso, entende-se que o Discurso decorre da visão social de cada grupo avaliar e representar os acontecimentos factuais no mundo. Dessa forma, entende-se que a Sociedade é definida por um conjunto de grupos sociais, que se congregam por terem um mesmo ponto de vista para captar, focalizar e representar o mundo. Os participantes de um mesmo grupo são guiados pelos interesses, objetivos e propósitos de seu grupo social.

A visão sócio-cognitiva versa que a Cognição é definida como um conjunto de representações mentais do mundo, concebidas como formas de conhecimentos. Estas formas, em seu conjunto, constituem o marco das cognições sociais de cada grupo. Como as focalizações do mundo são diferentes, também é ponto de vista projetado para focalizar um fato, por isso um acontecimento é representado diferentemente por cada grupo social.

O Discurso é visto como uma prática social que se manifesta pelo uso da língua em textos verbais ou não verbais. Cada prática se define pelos participantes com suas funções, ou seja, com os seus papéis sociais. O Discurso pode ser tanto institucionalizado quanto um evento discursivo particular. Os discursos institucionalizados são públicos e organizam-se pelas categorias Poder, Controle e Acesso (cf. Van Dijk, 1997). O Poder é composto por um conjunto de papéis relativos às pessoas que tomam decisões. O Controle reúne um conjunto de outros papéis que colocam em execução as decisões do Poder e, dessa forma, só têm acesso ao público o que o controle permite. Os discursos institucionais constroem conhecimentos extragrupais. Todas as formas de conhecimentos são construídas no e pelo Discurso, a partir da manifestação de textos que podem ser verbais ou multimodais.

A Análise Crítica do Discurso - ACD, embora tenha várias vertentes, postula que o social e o individual estão em uma dialética constante. O social guia o individual

e este modifica o social, de forma dinâmica. A tarefa prioritária dos analistas do discurso com visão crítica é denunciar o domínio das mentes pelo discurso.

As mentes são dominadas a partir da introspecção de valores que compõem as formas de conhecimentos como representações mentais. Tais valores não são apenas ideológicos, mas também culturais.

Silveira (2009) aborda que há a diferença entre ideologia e cultura decorre dos valores que compõem as formas de conhecimentos. A ideologia impõe uma escala de valores decorrentes dos interesses da classe de poder. Esses valores tendem discriminar as pessoas. Os valores culturais são relativos ao vivido e ao experienciado em sociedade e têm raízes históricas que são transmitidos de geração para geração, de forma a construir normas e atitudes que guiam as pessoas ao se relacionarem com o mundo, sem o objetivo da discriminação. Dessa forma, os valores ideológicos, por exemplo, os preconceitos e os tabus; os valores culturais, por exemplo, estão presentes nas formas de se vestir, de se alimentar, de se relacionar socialmente, entre outros.

Tantos os valores ideológicos quanto culturais são dinâmicos, pois em cada contemporaneidade há mudança do Poder e, portanto, de interesses. Os valores culturais têm uma dinâmica resultante das necessidades de resolver problemas novos, tendo como suporte, o vivido e experienciado em grupo.

A intersecção de tais representações nos textos só é possível se o indivíduo tiver leitura que dê suporte a isso, caso contrário, não será observado. Na realidade, mesmo que o aluno-leitor não identifique o intertexto, vai entendê-lo (FIORIN, 2006). Mas, no momento que relacionar os textos uns aos outros, o nível de compreensão, profundidade e reflexão tendem a ampliar.

Portanto, o aluno precisa de informações para que possa compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, e estabeleça relações entre o texto que leu com outros já lidos, sabendo acionar vários sentidos adquiridos em outros textos, e que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Concepção implicatura de conhecimento

Texto que trata de temas factuais e evidencia o cotidiano nos veículos de comunicação, nem sempre é acessível à compreensão dos alunos, em especial dos estrangeiros. O aluno estrangeiro apresenta dificuldades de construir hipóteses de leituras, quando o texto base intertextualiza o factual com outras informações geo-histórico-social cultural, a ausência dessas informações não possibilita, também, a progressão da leitura. É necessário que o professor proporcione aos alunos noções de outras informações de conhecimentos enciclopédicos, que facilite o ensino linguístico, mas não se distancie do texto que sendo trabalhado. Os conhecimentos enciclopédicos podem favorecer o aluno compreender as estratégias do cronista que, humoristicamente, representa a atuação de políticos brasileiros, quando tentam amenizar situações desastrosas.

Nesse sentido, professor necessita se apoiar em conhecimentos interdisciplinares que atendam as necessidades dos alunos. Ao aluno compete associar a informações recebidas com seus saberes e, na medida do possível, construir conhecimentos explícitos ou implícitos enunciados na crônica. Entende-se que, assim, os explícitos se constituem por intertextos, enquanto os interdiscursos dialogam com os implícitos culturais, tanto pela estratégia, sutil, do cronista quanto pela exposição dos apelos políticos, revelados como poder dos políticos *versus* religiosos.

Para tratar dessas concepções, foi selecionada a crônica de cotidiano em que intertextos e interdiscursos apresentam uma visão interculturalista e requer capacitação de professores que fundamente o ensino de língua a outros domínios, para que o aluno-aprendiz não conceba seu objeto de aprendizagem a língua – como mero aparelho a ser “dominado”, mas que atenda a situações complexas e comunicativas. Nessa perspectiva, o ensino de língua– intertextos e interdiscursos –, alia-se a história, a cultura, o modo de ser e de agir do brasileiro nas atividades propostas. O aluno apesar de acompanhar os acontecimentos políticos brasileiros se depara com palavras e expressões linguísticas metafóricas, que justificam o anacrônico e simbólico na crônica.

Dilma demite São Pedro

04/01/2012 - Herald – Revista Piauí

Dilma insistiu em nomear uma mulher com perfil técnico para a função

ALVORADA – A presidenta Dilma Rousseff resolveu interceder junto às esferas celestes para acabar de vez com as chuvas de verão. “São Pedro está fazendo uso político desse aguaceiro. Todo ano é a mesma coisa”, argumentou ao receber Deus Pai em seu gabinete. O Todo-Poderoso redarguiu com tergiversações. Insatisfeita com a resposta, a presidenta mirou-O nos olhos e sapeceu: “Meu Querido, você fez tudo em seis dias, sem licitação. Se a mídia fuçar, vai achar uma ONG nessa História”. Sem alternativa, o Supremo Arquiteto demitiu São Pedro.

Em fração de segundos, o PMDB apresentou sete candidatos ao cargo. “São Pedro só estava na função desde o Big Bang. Nessa época, Sarney já acumulava duas concessões de TV e trinta anos de vida pública. Não nos falta experiência para assumir a regulação das chuvas, trovoadas e ventanias”, discursou Michel Temer.

Esperançosos com a perspectiva de controlar a precipitação nacional, a bancada peemedebista do sertão nordestino já começou a empregar recursos não contabilizados para adquirir largas extensões de terra onde, segundo relatório confidencial, será construído o complexo hoteleiro que servirá às Cataratas de Quixeramobim, cujo volume de água será três vezes maior do que as Cataratas de Iguaçu.

Ao final do dia, assessores próximos à presidenta confidenciaram que Dilma pretende intervir na logística de atendimento de Santo Expedito. “As causas urgentes já foram atendidas com mais rapidez”, disse contrafeita a colaboradores. A partir de fevereiro, quem fizer um pedido e não for atendido em no máximo quatro horas poderá se queixar a São Longuinho, mediante o preenchimento de um DARF em três vias.

A crônica do cotidiano, base para a aplicação em aulas de leitura, é construída por um conjunto de ações que convergem a focalização do cronista, ao construir para seu interlocutor um novo olhar sobre os fatos políticos brasileiros, e tem por enfoque o factual. Assim, ao mesmo tempo, em que cronista representa, opinativamente, um fato político brasileiro, ele se apropria de acontecimentos que tem raízes históricas e se atualiza na contemporaneidade às situações em vigências.

Assim, para explicitar as atividades de leitura, sugeriu-se aos alunos que fizessem na realização da leitura um levantamento de dificuldades, isto é, que os alunos destacassem as palavras ou expressões conhecidas, que eles soubessem ou não atribuir significados. Na sequência, destacaram os enunciados mais complexos explícitos no texto e se possível indicassem a quais outros discursos se referiam. Para facilitar a participação dos alunos nas atividades, todos deram sua contribuição oralmente. Para finalizar os alunos expuseram suas opiniões e mencionaram sobre a importância de conhecimentos complementares no exercício de leitura, tal como contexto histórico cultural do brasileiro de não denunciar – denunciando; retomadas de aspectos que

envolvem processo cognitivo, linguístico, textuais e pragmáticos como intersecção discursivas.

Resultados Obtidos

Os resultados obtidos indicam que, na interação comunicativa, as palavras e expressões usadas pelo cronista propiciam que os interlocutores relacionem por intertextos sentidos a outros preexistentes, de forma significativa para a produção de conhecimentos, além do linguístico. A título de exemplificação, apresentam-se a ordem de palavras e expressões linguísticas destacadas pelos alunos, e os resultados concentram os conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, sócio-intaracionais.

1) seleção de palavras e expressões como intertexto e interdiscurso na construção de sentidos

O enfoque político é primordial, na análise da crônica, considerando o interesse dos alunos tentarem entender como a Presidenta “Dilma” poderia demitir São Pedro, este no imaginário dos alunos não exerce a função de enviar chuva, enquanto crença. Então, como compreender que: *Dilma demite São Pedro*. Para situar o leitor Dilma é a Presidenta do Brasil, *demite* destitue de um emprego ou cargo ou dignidade (cf. Ferreira, 2009), *São Pedro*, de acordo com a doutrina e crença católica, o papa é o sucessor de São Pedro, o “pai” da Igreja Católica e primeiro papa. O título cumpre a função de seduzir o interlocutor a ler a crônica. Por sua vez, o interlocutor, ao ser seduzido é instigado a levantar hipóteses para compreender as relações entre humano e santidade, como um pode demitir o outro, santificado.

Para tanto, foi discutido a importância do discurso fundador, religioso, por meio deste o colonizador estabelecia ordens e obrigações aos nativos brasileiros. Quanto à expressão *perfil técnico*, representa a ideia de aspecto de uma pessoa que se afeiçoa e é perito nos fazeres. Já a expressão: *uso político desse aguaceiro* refere-se ao período de maior intensidade de chuvas, cujo orçamento deve previsto, conforme meteorologia. A palavra *redarguiu*, no contexto adquire mais poder avaliativo que apenas o uso de contestou, da mesma forma a termo *tergiversações*, usual no discurso jurídico, estabelece desculpas evasivas.

Os alunos estrangeiros não atribuíram relevância ao uso do verbo *mirar*, mas ao uso do pronome obíquo grafado em maiúscula, fez-se necessário explicitar que por razões de religiosas as referências a Deus são tratados com deferência e distanciamento. O uso do verbo *sapecou*, rapidez intensa de quem não deve ser surpreendida. Com essa perspicácia de rapidez destacaram a palavra *mídia fuçar*, isto é, os meios de comunicação procurarem informações comprometedoras. O uso do artigo substantivou a sigla do Partido do Movimento Democrático Brasileiro - *o PMDB*. Nesta sequência vem a expressão *bancada peemedebista* refere-se aos seguidores deste partido político, é o maior partido político brasileiro, apesar de não ter até hoje eleito nenhum Presidente da República.

A comparação das *Cataratas de Quixeramobim* com as do Iguaçu propiciou sobressalto aos alunos que conheciam estas Cataratas enquanto aquelas nunca ouviram falar. Foi preciso situar que Quixeramobim é uma cidade que integra o comitê de combate a seca no estado do Ceará.

A palavra *queixar*, foi explicitado que se refere à lamentar os seus sofrimentos; expor os seus agravos ou motivos de desgosto e, por fim a sigla: *um DARF* que é um

Documento de Arrecadação de Receitas Federais, documento que garante uma dívida para receptor e controle do pagamento.

Na crônica, há intertextos, em que o autor recorre a outros textos e explicita e fonte, por exemplo, “Meu Querido, você fez tudo em seis dias, sem licitação. Se a mídia fuçar, vai achar uma ONG nessa História”, enunciado expresso pela Presidenta. “São Pedro só estava na função desde o Big Bang. Nessa época, Sarney já acumulava duas concessões de TV e trinta anos de vida pública. Não nos falta experiência para assumir a regulação das chuvas, trovoadas e ventanias”, discursou Michel Temer. Outro enunciado atribuído à Presidente: “As causas urgentes já foram atendidas com mais rapidez”, disse contrafeita a colaboradores.

Por conseguinte, nem sempre os intertextos se constituem de forma revelada, embora todo recorre a outros textos. Assim, identificar a presença de outros textos depende muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura, para a construção de conhecimento e de produção de sentidos.

Apresentam-se, nesta sequência, os discursos que dialogam entre si, de forma a construir sentidos para o interlocutor, para tanto foi necessário segmentar palavras e expressões explícitas na crônica, enquanto constituintes de intertextos, como estratégias abrangente na construção de um sentido mais global.

DISCURSO	PALAVRAS E EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS
Político	Alvorada, Presidenta em seu gabinete, PMDB, Sarney trinta anos de vida pública, está fazendo uso político desse aguaceiro.
Religioso	Esferas celestes, Deus Pai, O Todo Poderoso, Meu Querido, Supremo Arquiteto, São Pedro
Geografia	Chuvas de verão, está fazendo uso político desse aguaceiro. Todo ano é a mesma coisa.
Comunicação	Mídia, concessão de TV
Mercado	Sem licitação,
Sociologia	ONG

2) intertextos e/ou interdiscursos como apelo político e caracterização do risível

A crônica constitui-se de representações de soberania política e religiosa. Essa dualidade propicia aparências de situações afins, e cria uma expectativa de contexto situacional para o interlocutor-leitor; este, ao se deparar com enfoques opostos e duvidosos, reformula suas hipóteses de leituras de conhecimentos *dados* por duas grandezas distintas e, ao se deparar com *novos*, as interferências da administração humana com as funções dos santos, o leitor pode deflagrar, inesperadamente, com o humor risível.

Considerações finais

Conclui-se que um profissional de ensino para falantes de outras línguas deve contribuir no processo de produção-compreensão do discurso, com os conhecimentos relacionados à identidade sociocultural, na medida em que os enunciados, usados estrategicamente pelo cronista, permitem acionar conhecimentos tal como político, religioso, histórico e geográfico. São os encontros de conhecimentos que direcionam os professores no ensino de língua-cultura, identidade-povo; desde que não privilegie um desses conhecimentos sem visualizar os outros.

Além disso, a produção de leitura em que, de um lado, está o texto com conteúdos objetivamente inscritos e, de outro, os leitores que, em condições específicas, devem captar os conteúdos e as intencionalidades do autor do texto e, ao mesmo tempo, do professor gestor da aula.

Para tanto uma visão sociocognitiva e sociointerativa implica domínio do profissional em saber construir conhecimentos para o aprendiz, na medida em que palavras e expressões linguísticas permitem relacionar outros textos e discursos na construção dos sentidos, autorizando outras leituras.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BERGSON, Henri. *O riso, ensaios sobre a significação da comicidade*. Trad. BENEDETTI, I. C. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- JENNY, L. et al. Intertextualidades. In: *Poétique*. nº 27. Coimbra: Almedina, 1979.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1974.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais- investigações em psicologia social*. Trad. Bras. Pedrinho A. Guareschi, 5 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2007.
- SCAFURO, G. *A organização textual de crônicas publicadas em jornal*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 1999.
- SILVEIRA, R. C. P. Opinião, marco de cognições sociais e a identidade cultural do brasileiro: as crônicas nacionais. In JÚDICE, N. (Org.) *Português Língua Estrangeira: leitura, produção e avaliação de textos*. Niterói: Intertexto, 2000, p. 9-35.
- _____. *Um novo olhar para as narrativas de humor: os sentidos no cotidiano e na cultura*. PIRES, L. C. BEZERRA, A. P. e CARDOSO, D. P. (Orgs.). *O texto em perspectiva*. Aracajú: EdUFS, 2009.
- TURRAZA, J. S. *Léxico e criatividade*. Plêiade. S. Paulo. 1996.
- VAN DIJK, T. *La ciencia del texto*. Sibila Hunzinger (Trad.). Barcelona: Paidós Ibérica, 1978.
- _____. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Paidós, 1997. Vol 1.
- _____. & KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1978.